

# ADRIANA VIGNOLI

---

## ENSAIOS SOBRE UMA UTOPIA DA TRANSMUTAÇÃO

POR MANUEL NEVES

Anotações sobre o projeto VAOS, de Adriana Vignoli.

2.01 O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas).

Ludwig Wittgenstein

Não é o “objeto” cubo e o “objeto” pigmento-cor, mas a “obra” que já não é objeto no que possuía de conhecido, mas uma relação que torna o que era conhecido num novo conhecimento e o que resta a ser apreendido, um lado poder-se-ia dizer desconhecido, que é o resto que permanece aberto à imaginação que sobre essa obra se recria.

Helio Oiticica

No espaço expositivo vemos um objeto, composto por múltiplos elementos, a saber: tubos de metal, esferas de vidro, terra, pedras e ácido. Estes elementos tão heterogêneos fazem que duvidemos ao momento de pensar esse objeto como uma escultura, no sentido moderno do termo. Como sabemos, esta obra pertencente à produção mais recente da artista Adriana Vignoli, produz em seu interior um processo de transformação de materiais, isto é, um elemento, neste caso, uma bola de pedra, é introduzido numa das esferas de vidro, que contém uma solução de ácido muriático, que o dissolve rapidamente.

Este evento, remete-nos a um tipo de processo químico, relacionado às atividades na vida rotineira de um laboratório, a presença de esferas de vidro reforça essa impressão de familiaridade com uma estética de laboratório.

Mas, tanto o procedimento, algo elementar, como os fins do mesmo, não ficam claros. Isto nos faz pensar que fomos testemunhas de um estranho e hermético ritual, que parece nos transportar a um tempo passado indefinido, mais próximo da alquimia que à prática das ciências duras.

O título desta obra, Bestiário 2016, não parece auxiliar numa significação clara e concisa, que nos permita entender o porquê e o modo destes procedimentos, mas bem projeta uma dimensão literária ou poética, que a relaciona com a metáfora. Mas, assim mesmo, os elementos plásticos e visuais que compõem a obra apontam para uma sofisticada mistura de brilhos, texturas, cores e formas, projetam uma fria voluptuosidade seduzindo, de forma hipnótica nossos sentidos.

Podemos afirmar que Bestiário 2016 sintetiza de forma cabal os interesses e as indagações, tanto como a direção da obra produzida por Adriana Vignoli nos últimos anos.

Uma seleção destas obras, pensadas em sua maioria para o espaço de Elefante Centro Cultural, conforma o projeto expositivo Vãos, de que este texto é parte integral.

As obras de Adriana Vignoli projetam umas narrativas que se apresentam de forma abstrata.

Dito com outras palavras, estas obras articulam uma ambigüidade programática, que, tanto em suas formas, como em sua materialidade, relacionam o arcaico com a transformação, projetando metáforas sobre o caráter utópico da transmutação.

A utilização de elementos tomados da geografia onde a artista vive ou viveu, como terra e pedras de origem natural ou concreto, produzido de forma industrial, se corresponde com esta evocação do arcaico e sua relação dialética com o presente. Nesse sentido, a cidade

natal de Vignoli, Brasília, projeta em sua configuração cenográfica, esse encontro não esperado entre passado arcaico e presente moderno.

Os processos ao que estes materiais são submetidos, como talhado, polido, moído e desintegração, a heterogeneidade de materiais presentes e o caráter metafórico, projetam claramente essa idéia de alquimia. Esta antiga prática teve ao mesmo tempo um caráter protocientífico e filosófico, como também uma experiência que combinava elementos da química, a metalurgia, a física, a medicina, a astrologia, o misticismo e a arte, na busca da transmutação, isto é a mutação de um elemento químico em outro.

A transformação material, como metáfora de transmutação se apresenta na obra Adriana Vignoli como a evocação de uma possibilidade, como uma questão que não termina nunca de se responder. Como nas vanguardas heróicas, abstração e utopia se interpenetram, gerando a demanda do indefinido, da possibilidade abertas à mudança, a metamorfose, a evolução, a melhora. Um horizonte que se afasta na medida em que nosso corpo avança, obrigando-nos a imaginar como percorreremos o caminho da melhor forma, nos exigindo imaginar novas realidades para gerassem a condições para modificar nossa realidade.

Também podemos entender a obra de Adriana Vignoli como uma metáfora que definiria a arte contemporânea, isto é, como uma atividade humana diferenciada, que desafia os conhecimentos humanos organizados (ciência, filosofia, política, psicanálises) para produzir objetos ou eventos que não terminam nunca de desnudar seu significado e que acionam no corpo social uma situação paradoxal.